O AMOR QUE CURA

A Terapia da Alma na Tradição Cristã Ortodoxa

“Nós amamos porque Ele nos amou primeiro.”
(1 João 4,19)

Introdução — O coração humano precisa ser restaurado

Existem feridas que o tempo, por si só, não consegue apagar.

Algumas foram produzidas por palavras. Outras pelo abandono, pela rejeição, pela traição, pela humilhação, pela violência, pela perda de alguém amado ou pela experiência dolorosa de não termos recebido o amor que esperávamos.

Há também feridas que nós mesmos provocamos.

Erros cometidos, palavras que gostaríamos de retirar, escolhas das quais nos arrependemos e culpas que continuamos carregando muitos anos depois de Deus já ter aberto diante de nós o caminho do arrependimento e da reconciliação.

O corpo pode cicatrizar enquanto a alma continua ferida.

Por isso, a tradição espiritual da Igreja nunca compreendeu o pecado apenas como transgressão de uma norma. Na linguagem espiritual dos Santos Padres encontramos também uma compreensão terapêutica: existem paixões que adoecem o coração, pensamentos que perturbam a alma, ressentimentos que aprisionam, hábitos que enfraquecem a liberdade e feridas que precisam encontrar a misericórdia de Deus.

Cristo apresenta-se diante da humanidade ferida como Salvador, Libertador e Médico.

Ele mesmo declarou:

“Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os enfermos.”
(Lucas 5,31)

A Igreja torna-se, assim, também lugar de restauração.

A oração, o arrependimento, a reconciliação, os Santos Mistérios, a Palavra de Deus, a vida comunitária, a ascese e a prática da misericórdia participam desse caminho pelo qual a pessoa humana vai sendo restaurada e novamente orientada para Deus.

No centro desse processo encontramos uma realidade que atravessa todo o Evangelho:

o amor.

Não simplesmente o amor compreendido como emoção passageira, atração ou simpatia, mas o **agápe (ἀγάπη)**: o amor que procede de Deus, alcança o coração humano e, pela graça do Espírito Santo, transforma nossa maneira de existir.

São João apresenta uma das afirmações mais profundas das Sagradas Escrituras:

“Deus é amor.”
(1 João 4,8)

Aprender a amar, portanto, não significa simplesmente adquirir uma virtude entre muitas.

Significa aproximar-se do próprio mistério de Deus.

1. Antes de amar, precisamos descobrir que somos amados

Muitas vezes começamos nossa vida espiritual pela obrigação:

Preciso rezar.

Preciso perdoar.

Preciso amar.

Preciso mudar.

Preciso tornar-me uma pessoa melhor.

O Evangelho, entretanto, começa em outro lugar.

Começa no amor de Deus.

“Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos Ele amado.”
(1 João 4,10)

E novamente:

“Nós amamos porque Ele nos amou primeiro.”
(1 João 4,19)

Existe aqui uma profunda verdade espiritual.

O amor cristão não nasce primeiramente do esforço humano. Ele é resposta à iniciativa divina.

Antes que procuremos Deus, Deus já nos procura.

Antes que consigamos pronunciar nossa oração, Deus já conhece nossa dor.

Antes mesmo que consigamos compreender completamente aquilo que aconteceu dentro de nós, o Senhor já conhece nossas feridas.

Cristo expressou essa realidade de maneira extraordinária na parábola do filho pródigo.

Quando o filho retorna, ainda está distante quando o pai o vê.

O Evangelho diz:

“Quando ainda estava longe, seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.”
(cf. Lucas 15,20)

O pai não começa pelo interrogatório.

Começa pelo abraço.

Isso não significa que o erro deixou de existir.

O filho reconhece:

“Pai, pequei contra o céu e diante de ti.”
(Lucas 15,21)

Existe arrependimento.

Existe verdade.

Mas o arrependimento acontece dentro do encontro com a misericórdia.

Essa é uma diferença fundamental entre **metanóia** e desespero.

O desespero diz:

“Não existe mais caminho para mim.”

A metanóia diz:

“Eu errei, mas ainda existe um caminho de volta para a casa do Pai.”

2. Cristo, Médico das almas e dos corpos

A tradição cristã oriental possui uma profunda compreensão terapêutica da salvação.

O ser humano não necessita somente de absolvição.

Necessita de restauração.

Sua vontade precisa ser fortalecida.

Sua inteligência precisa ser iluminada.

Seus pensamentos precisam ser purificados.

Suas paixões precisam ser ordenadas.

Suas feridas precisam encontrar misericórdia.

Seu coração precisa recuperar a capacidade de amar.

Por isso Cristo declara:

“Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento.”
(Lucas 5,31-32)

A Igreja conserva, inclusive em sua tradição litúrgica, a invocação de Cristo como **Médico das almas e dos corpos**.

Essa imagem é fundamental.

O médico não se aproxima da ferida para condená-la.

Aproxima-se para tratá-la.

Da mesma maneira, Deus não revela nossas enfermidades interiores para nos destruir, mas para iniciar conosco um caminho de cura.

É nesse contexto que compreendemos a palavra grega **metánoia (μετάνοια)**: mudança da mente, mudança da compreensão, conversão e mudança da direção da vida.

O arrependimento cristão não é autodestruição.

É retorno.

É despertar.

É reconhecer aquilo que nos afasta de Deus e permitir que a graça comece a reorganizar nossa existência.

3. A alma ferida aprende maneiras de sobreviver

Quando alguém é profundamente ferido, aquilo que aconteceu pode não permanecer somente como lembrança.

A experiência pode modificar a maneira como a pessoa percebe a si mesma, os outros e até mesmo Deus.

Uma rejeição pode produzir interiormente:

“Eu não tenho valor.”

Uma traição:

“Não posso confiar em ninguém.”

Uma humilhação:

“Preciso provar constantemente quem sou.”

Um abandono:

“Todos acabarão me deixando.”

Uma perda:

“Tenho medo de amar novamente porque tudo aquilo que amo pode desaparecer.”

Uma culpa:

“Não mereço ser perdoado.”

Essas conclusões interiores podem acompanhar uma pessoa durante muitos anos.

Por isso, a restauração da alma não consiste simplesmente em dizer:

“Esqueça o que aconteceu.”

Existem acontecimentos que não esquecemos.

A questão espiritual mais profunda é:

Como aquilo que aconteceu continuará vivendo dentro de nós?

O amor de Cristo não precisa apagar nossa história para restaurá-la.

Ele pode transformar a maneira como nossa história continua presente dentro de nós.

São Paulo escreve:

“Se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas antigas passaram; eis que se fizeram novas.”
(2 Coríntios 5,17)

Ser nova criação não significa perder a memória.

Significa não permanecer eternamente prisioneiro dela.

4. Quando a ferida se transforma em ressentimento

O sofrimento que não encontra um caminho de elaboração pode transformar-se em ressentimento.

E o ressentimento possui uma característica perigosa: mantém interiormente presente aquele que nos feriu.

A pessoa pode estar fisicamente distante, mas continua ocupando nossos pensamentos.

Recordamos as palavras.

Reconstruímos as discussões.

Imaginamos aquilo que deveríamos ter respondido.

Revivemos a ofensa.

Desejamos que o outro experimente a mesma dor que experimentamos.

Sem perceber, permanecemos ligados à pessoa justamente através do sentimento do qual gostaríamos de nos libertar.

A tradição espiritual cristã compreendeu profundamente esse perigo.

São Paulo ensina:

“Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.”
(Romanos 12,21)

Essa palavra possui um profundo significado terapêutico.

O problema do ressentimento é que o mal realizado contra nós começa a continuar sua obra dentro de nós.

Alguém nos feriu uma vez, mas a lembrança alimentada continuamente pode repetir essa ferida centenas de vezes no coração.

A restauração começa quando decidimos, com a ajuda de Deus:

aquilo que aconteceu comigo não determinará aquilo em que me transformarei.

5. O perdão como caminho de libertação

Poucas palavras cristãs foram tão mal compreendidas quanto a palavra **perdão**.

Perdoar não significa afirmar:

“Não aconteceu nada.”

Não significa chamar uma injustiça de justiça.

Não significa esquecer artificialmente.

Não significa permanecer numa situação de violência.

Não significa retirar limites necessários.

Não significa impedir que alguém responda pelas consequências de seus atos.

E também não significa que a confiança precise ser imediatamente restaurada.

Perdão e reconciliação não são exatamente a mesma coisa.

O perdão pode começar no coração daquele que foi ferido.

A reconciliação plena exige verdade, responsabilidade e disposição de ambas as partes.

Cristo manda perdoar, mas nunca manda chamar o mal de bem.

São Paulo ensina:

“Toda amargura, indignação, ira, gritaria e blasfêmia sejam eliminadas do meio de vós, bem como toda maldade. Antes, sede bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo.”
(Efésios 4,31-32)

O perdão cristão começa quando somos capazes de dizer:

“Aquilo que você fez comigo não terá o poder de transformar meu coração naquilo que me feriu.”

6. Amar o inimigo é impedir que o mal continue vivendo dentro de nós

Talvez nenhuma palavra de Cristo seja tão exigente quanto esta:

“Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.”
(Mateus 5,44)

Humanamente, isso pode parecer impossível.

E talvez seja justamente aí que começamos a compreender a necessidade da graça.

Cristo não está descrevendo uma reação espontânea da natureza humana ferida.

Ele está revelando aquilo que o Espírito Santo pode progressivamente realizar no coração.

Na Cruz, Jesus vive aquilo que ensinou.

Traído.

Abandonado.

Humilhado.

Ferido.

Crucificado.

Ele reza:

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”
(Lucas 23,34)

Amar o inimigo não significa sentir simpatia por quem nos fez mal.

Significa recusar-se a permitir que o ódio do outro determine aquilo que nascerá dentro de nós.

O amor aos inimigos possui, portanto, uma dimensão profundamente libertadora.

Enquanto o ódio diz:

“Quero que você experimente aquilo que me fez sofrer”,

o amor cristão aprende progressivamente a dizer:

“Entrego você à justiça e à misericórdia de Deus e não permitirei que seu mal continue produzindo outro mal dentro de mim.”

Isso pode exigir tempo.

Pode exigir lágrimas.

Pode exigir distância.

Pode exigir acompanhamento espiritual.

Em algumas situações, pode também exigir auxílio profissional.

Mas pode tornar-se o começo de uma verdadeira liberdade interior.

7. São Macário e a transformação silenciosa do coração

São Macário apresenta uma imagem extraordinária da ação da graça.

Ele compara o trabalho de Deus no coração àquilo que acontece silenciosamente no interior de uma colmeia.

Enquanto nossos olhos não percebem todo o processo, a obra vai sendo construída.

Assim também a graça trabalha secretamente no interior da pessoa, transformando progressivamente a dureza em bondade e o rancor em amor.

Essa imagem ensina algo essencial:

a restauração espiritual geralmente é um processo.

Nem sempre acordamos numa manhã completamente livres daquilo que carregamos durante anos.

A graça trabalha.

A oração trabalha.

A Palavra de Deus trabalha.

A Confissão trabalha.

A Eucaristia trabalha.

A vida comunitária trabalha.

A misericórdia trabalha.

E o tempo também pode colaborar com a cura quando é vivido na presença de Deus.

Pouco a pouco, aquilo que antes nos dominava começa a perder sua força.

8. São Doroteu de Gaza e o círculo do amor

São Doroteu de Gaza apresenta outra imagem belíssima.

Imaginemos um círculo.

No centro está Deus.

Na circunferência estão os seres humanos.

À medida que as pessoas caminham em direção ao centro, aproximam-se simultaneamente umas das outras.

E quanto mais se afastam do centro, maior também se torna a distância entre elas.

É uma verdadeira geometria espiritual.

Quanto mais nos aproximamos verdadeiramente de Deus, mais aprendemos a aproximar-nos do ser humano.

Por isso não existe verdadeira espiritualidade cristã fundamentada no desprezo pelas pessoas.

São João é categórico:

"Se alguém disser: 'Amo a Deus', mas odiar seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê." *(1 João 4,20)*

A experiência autêntica de Deus não nos torna menos humanos.

Torna-nos mais capazes de amar.

9. São Máximo, o Confessor, e a purificação do amor

Na tradição espiritual de São Máximo, o Confessor, o amor está profundamente relacionado à libertação das paixões.

Quando somos dominados por paixões desordenadas, frequentemente enxergamos o outro a partir daquilo que desejamos receber dele.

Gostamos daquele que nos favorece.

Rejeitamos aquele que nos contraria.

Aproximamo-nos daquele que satisfaz nossas expectativas.

Afastamo-nos daquele que ameaça nosso ego.

O amor vai sendo purificado quando aprendemos a enxergar a pessoa não somente segundo aquilo que ela representa para nós, mas como alguém criado à imagem de Deus.

É uma transformação do olhar.

Por isso Cristo pergunta:

"Se amais somente os que vos amam, que recompensa tendes?"
(Mateus 5,46)

O amor cristão ultrapassa a simples reciprocidade.

Ele aprende a reconhecer a dignidade da pessoa mesmo quando não recebe dela aquilo que esperava.

10. São Isaac, o Sírio, e o coração misericordioso

A tradição de São Isaac, o Sírio, conduz-nos ainda mais profundamente.

O coração que vai sendo purificado torna-se progressivamente um **coração misericordioso**.

A misericórdia começa a ultrapassar as fronteiras que costumamos construir entre “os nossos” e “os outros”.

O coração começa a sensibilizar-se diante da humanidade ferida e, na visão de São Isaac, diante de toda a criação.

Isso não é fraqueza.

É sinal de transformação espiritual.

Quanto mais o coração se aproxima de Deus, mais sensível se torna ao sofrimento.

O próprio Cristo demonstra isso repetidamente.

Diante das multidões:

“Vendo as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor.”
(Mateus 9,36)

Diante da viúva que havia perdido o filho:

“Ao vê-la, o Senhor compadeceu-se dela.”
(Lucas 7,13)

Diante do túmulo de Lázaro:

“Jesus chorou.”
(João 11,35)

O Deus que salva não contempla nossa dor com indiferença.

11. O amor precisa caminhar com a verdade

Amar não significa permitir tudo.

O próprio Cristo, que amava perfeitamente, também corrigia, advertia e estabelecia limites.

A misericórdia não elimina a verdade.

Existem situações em que afastar-se é necessário.

Existem relacionamentos nos quais limites precisam ser estabelecidos.

Existem violências que precisam ser interrompidas.

Existem comportamentos que precisam ser corrigidos.

Existem injustiças diante das quais o silêncio pode tornar-se cumplicidade.

O amor cristão não exige submissão ao mal.

São Paulo ensina que o amor:

“não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.”
(1 Coríntios 13,6)

Por isso podemos afirmar:

o amor sem verdade pode transformar-se em permissividade, enquanto a verdade sem amor pode transformar-se em dureza.

Em Cristo, verdade e amor encontram sua perfeita harmonia.

12. Quando precisamos perdoar a nós mesmos

Existe ainda uma pessoa que frequentemente temos grande dificuldade de perdoar:

nós mesmos.

Algumas pessoas conseguem dizer:

“Deus me perdoou.”

Mas continuam interiormente condenando a si mesmas.

Recordam incessantemente aquilo que fizeram.

Sentem vergonha.

Consideram-se indignas.

Confundem arrependimento com autopunição.

Existe, entretanto, diferença entre a tristeza que conduz à conversão e aquela que aprisiona no desespero.

São Paulo escreve:

“A tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, do qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo produz morte.”
(2 Coríntios 7,10)

O arrependimento saudável diz:

“Errei e preciso mudar.”

A condenação interior diz:

“Eu sou meu erro e jamais poderei mudar.”

O Evangelho não nos aprisiona ao pior momento de nossa história.

Pedro negou Cristo.

Paulo perseguiu a Igreja.

O filho pródigo abandonou sua casa.

A mulher samaritana possuía uma história ferida.

Zaqueu precisou reparar injustiças.

Mas nenhum deles precisou permanecer eternamente identificado pelo seu passado.

A graça abriu uma continuação para suas histórias.

13. A Oração do Coração como caminho de restauração

A tradição hesicasta oferece à pessoa um caminho de extraordinária simplicidade e profundidade:

"Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem misericórdia de mim."

Essa oração não é uma fórmula mágica.

É encontro.

É relacionamento.

É colocar-se repetidamente diante de Cristo.

Quando pronunciamos:

"Senhor Jesus Cristo", voltamos nosso olhar para Ele.

Quando dizemos:

"Filho de Deus", confessamos quem Ele é.

Quando pedimos:

"tem misericórdia de mim", abrimos nossa pobreza e nossas feridas à Sua presença.

A misericórdia aqui não deve ser reduzida apenas a uma ideia jurídica de perdão.

Pedimos que Deus nos visite.

Que nos restaure.

Que ilumine aquilo que não compreendemos.

Que fortaleça aquilo que está enfraquecido.

Que pacifique aquilo que está agitado.

Que purifique aquilo que se tornou confuso.

Que cure aquilo que está ferido.

A oração pode acompanhar um verdadeiro itinerário interior:

ferida → reconhecimento → oração → misericórdia → perdão → libertação → reconciliação interior → amor → paz.

Esse caminho não acontece necessariamente de maneira rápida.

Mas pode acontecer de maneira profunda.

14. O amor precisa tornar-se philanthropía

Existe um grande perigo espiritual: falar muito sobre amor sem amar concretamente ninguém.

São João não permite uma espiritualidade abstrata:

“Filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas por obras e em verdade.”
(1 João 3,18)

O livro dos Atos descreve a primeira comunidade cristã:

“A multidão dos que criam era um só coração e uma só alma.”
(Atos 4,32)

Essa unidade não permanecia somente no sentimento.

Transformava-se em partilha e cuidado.

Os necessitados eram atendidos.

A fraternidade tornava-se concreta.

Encontramos aqui uma palavra profundamente cristã:

philanthropía (φιλανθρωπία) — amor pela humanidade.

Na tradição cristã oriental, a philanthropía está intimamente ligada à misericórdia de Deus para com o ser humano.

O cristão é chamado a refletir essa misericórdia.

O pão entregue ao faminto.

A visita ao enfermo.

A presença junto ao enlutado.

A escuta daquele que está angustiado.

O cuidado do idoso.

A acolhida daquele que foi rejeitado.

A proteção da criança.

A atenção ao pobre.

A palavra de esperança oferecida a quem perdeu a esperança.

Tudo isso pode tornar-se manifestação concreta do amor de Cristo.

15. A Igreja como comunidade de restauração

A Igreja deve ser um lugar onde pessoas feridas possam encontrar acolhimento, verdade, conversão e restauração.

Isso não significa que todos os problemas humanos serão resolvidos instantaneamente.

Também não significa substituir médicos, psicólogos ou outros profissionais quando sua atuação é necessária.

Significa que ninguém deveria precisar atravessar sozinho suas noites interiores.

São Paulo oferece uma definição extraordinária da vida comunitária:

“Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo.”
(Gálatas 6,2)

Carregar a carga do outro não significa resolver sua vida.

Às vezes significa permanecer.

Escutar.

Orar.

Acolher sem julgamento precipitado.

Oferecer uma palavra.

Segurar uma mão.

Acompanhar.

Chorar com quem chora.

“Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram.”
(Romanos 12,15)

Essa é uma das dimensões terapêuticas mais profundas da comunidade cristã:

ninguém deveria carregar sozinho aquilo que se tornou pesado demais.

16. A Eucaristia: comunhão que restaura

A restauração cristã não termina numa experiência individual.

Cristo restaura-nos para a comunhão.

Na Divina Eucaristia, pessoas diferentes aproximam-se do mesmo Cálice.

São Paulo pergunta:

“O cálice da bênção que abençoamos não é comunhão com o Sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo?”
(1 Coríntios 10,16)

E continua:

“Porque há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos desse único pão.”
(cf. 1 Coríntios 10,17)

A Eucaristia revela aquilo em que estamos sendo transformados:

um Corpo reconciliado em Cristo.

Não recebemos Cristo para permanecer fechados em nós mesmos.

Recebemos Cristo para sermos transformados nEle.

A comunhão com Cristo chama-nos à comunhão com nossos irmãos.

Por isso a Divina Liturgia não termina simplesmente quando deixamos o templo.

Aquilo que recebemos no altar deve continuar na vida.

A Eucaristia deve tornar-se fraternidade.

A oração deve tornar-se misericórdia.

A comunhão deve tornar-se serviço.

17. O amor lança fora o medo

Muitas feridas humanas estão acompanhadas pelo medo.

Medo de ser abandonado novamente.

Medo de confiar.

Medo de amar.

Medo de perder.

Medo de não ser aceito.

Medo do futuro.

Às vezes, até mesmo medo de Deus.

São João escreve:

“No amor não há medo; ao contrário, o perfeito amor lança fora o medo.”
(1 João 4,18)

Isso não significa que uma pessoa espiritualmente madura nunca experimente medo psicológico.

Significa que, no centro de sua existência, começa a nascer algo maior:

confiança.

A pessoa começa a descobrir:

“Mesmo quando tudo parece instável, não estou abandonado.”

São Paulo pergunta:

“Quem nos separará do amor de Cristo?”
(Romanos 8,35)

Depois de mencionar tribulação, angústia, perseguição, perigo e morte, conclui que nenhuma criatura:

“poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.”
(Romanos 8,39)

Essa é uma das grandes fontes da paz cristã.

Podemos atravessar perdas.

Podemos experimentar mudanças.

Podemos conhecer sofrimento.

Mas nada disso possui poder para nos arrancar do amor de Deus.

18. Como reconhecer que a alma está sendo restaurada?

Talvez a restauração não aconteça quando todas as lembranças dolorosas desaparecerem.

Talvez aconteça quando conseguimos recordar sem desejar destruir.

Quando conseguimos estabelecer limites sem odiar.

Quando reconhecemos nosso erro sem desprezar a nós mesmos.

Quando conseguimos olhar para o sofrimento do outro sem indiferença.

Quando nossa oração deixa de ser apenas pedido e começa também a tornar-se gratidão.

Quando conseguimos novamente confiar.

Quando conseguimos novamente oferecer afeto.

Quando somos capazes de pedir perdão.

Quando aprendemos também a receber perdão.

Quando o sofrimento que experimentamos nos torna mais misericordiosos, e não mais cruéis.

Quando aquilo que nos feriu não nos transforma em pessoas que ferem.

Então algo está sendo restaurado.

O coração começa novamente a aprender sua linguagem original:

o amor.

19. Reta fé e coração transformado

A vida cristã não estabelece oposição entre doutrina e amor, entre verdade e misericórdia, entre Liturgia e vida.

Ao contrário, todas essas realidades devem permanecer unidas.

O objetivo da vida cristã é conduzir a pessoa à **transformação integral em Cristo, unindo a fidelidade da fé à transformação do coração**.

A verdadeira vida cristã não separa a reta fé da vida interior.

A verdade professada pelos lábios deve alcançar o coração, transformar nossas atitudes e produzir frutos.

São Paulo escreve:

"O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio de si."
(cf. Gálatas 5,22-23)

Assim, podemos falar de uma verdadeira **Ortodoxia da fé e Ortodoxia da vida**.

A reta doutrina mostra-nos o caminho.

A Liturgia introduz-nos no Mistério.

Os Santos Mistérios comunicam-nos a graça.

A ascese educa nossa liberdade.

A oração abre o coração.

E o amor manifesta, concretamente, aquilo que a graça está realizando dentro de nós.

Não devemos escolher entre verdade e amor.

A verdade cristã deve ser vivida no amor.

E o verdadeiro amor deve permanecer iluminado pela verdade.

Conclusão — A terapia do amor

Cristo veio restaurar o ser humano inteiro.

Veio procurar a ovelha perdida.

Veio levantar o caído.

Veio reconciliar o afastado.

Veio libertar o aprisionado.

Veio devolver esperança ao desesperado.

Veio curar o coração ferido.

Veio conduzir novamente o ser humano à comunhão com Deus.

E colocou o amor no centro desse caminho:

“Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei.”
(João 13,34)

A grande pergunta espiritual não é somente:

“Quanto conhecemos sobre Deus?”

Devemos também perguntar:

“Quanto aquilo que cremos e celebramos está transformando nossa maneira de viver e amar?”

Porque a fé recebida dos Apóstolos não nos foi confiada somente para ser conhecida, mas para ser vivida.

A doutrina deve iluminar a mente.

A graça deve transformar o coração.

A Liturgia deve prolongar-se na vida.

A oração deve conduzir à misericórdia.

A Eucaristia deve conduzir à comunhão.

A verdade deve produzir liberdade.

E o amor deve tornar visível a presença de Cristo.

São Paulo oferece-nos um critério extraordinário:

“Ainda que conhecesse todos os mistérios e toda a ciência... se não tivesse amor, nada seria.”
(cf. 1 Coríntios 13,2)

Por isso, o caminho terapêutico cristão conduz-nos continuamente ao coração.

Receber o amor de Deus.

Reconhecer nossas feridas.

Permitir que a graça alcance aquilo que escondemos.

Arrepender-nos daquilo que precisa ser transformado.

Aprender a perdoar.

Aprender também a pedir perdão.

Reconciliar-nos interiormente.

Orar por aqueles que nos feriram.

Estabelecer limites quando forem necessários.

Carregar as cargas uns dos outros.

Consolar os aflitos.

Cuidar dos enfermos.

Acolher os abandonados.

Praticar a philanthropía.

Servir.

E voltar a amar.

Esse caminho não muda aquilo que aconteceu no passado.

Mas pode transformar profundamente aquilo que o passado continuará fazendo dentro de nós.

A ferida pode permanecer como memória, mas não precisa continuar como prisão.

A cicatriz pode permanecer, mas pode tornar-se testemunho de que a graça foi maior do que a ferida.

O sofrimento pode não desaparecer completamente da memória, mas pode deixar de governar o coração.

E aquilo que um dia foi apenas dor pode, pela graça de Deus, tornar-se compaixão por outras pessoas que também sofrem.

É assim que o amor cura.

Não apagando nossa história.

Mas redimindo-a.

Não negando nossas feridas.

Mas impedindo que elas tenham a última palavra.

Não prometendo uma vida sem sofrimento.

Mas revelando que nenhuma dor precisa ser atravessada sem Deus.

Pouco a pouco, pela ação do Espírito Santo, o coração humano volta a descobrir aquilo para o qual foi criado:

amar a Deus, amar o próximo e viver em comunhão.

E então compreendemos as palavras do Apóstolo:

“Deus é amor; e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.”
(1 João 4,16)

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.